UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS

CLEOPATRAMANIA NO TWITTER:

Arqueologia Digital e a reinvenção da última rainha do Egito (2008-2024)

Campanha, MG

2026

Melissa Cristine Lopes Ribeiro

Carolina Kesser Barcellos Dias

Ygor Klain Belchior

CLEOPATRAMANIA NO TWITTER:

Arqueologia Digital e a reinvenção da última rainha do Egito (2008-2024)

Relatório apresentado à 9ª FEMIC - Feira Mineira de Iniciação Científica.

Orientação do Prof. Dr. Ygor Klain Belchior e coorientação de Carolina Kesser Barcellos Dias.

Campanha, MG

2026

RESUMO

Esta pesquisa investiga o fenômeno da "Cleopatramania", compreendido como o conjunto sistemático de apropriações, reelaborações e ressignificações da figura de Cleópatra VII no ambiente da rede social X (antigo Twitter). O problema central reside em examinar como a última governante ptolemaica é continuamente reconstruída no espaço digital para responder a tensões e demandas do tempo presente, tais como debates sobre gênero, autoridade política e pertencimento étnico-racial. Parte-se da hipótese de que a ausência de uma iconografia consensual sobre sua fisionomia converte a soberana em um tropo moderno da identidade, permitindo que os usuários projetem sobre ela reivindicações contemporâneas por representatividade. O objetivo geral consiste em analisar as manifestações discursivas da Cleopatramania entre os anos de 2008 e 2024, mapeando seus repertórios temáticos e aprofundando o debate em torno da racialidade. No plano metodológico, a investigação apoia-se nos pressupostos da arqueologia digital e da história pública, operando a coleta de postagens por meio da ferramenta de busca avançada da plataforma com o descritor textual "Cleopatra", delimitado ao idioma português. Os 1.201 registros obtidos foram indexados e classificados em um banco de dados relacional. A análise evidenciou que a ambiguidade fisionômica é frequentemente mobilizada pelos usuários para denunciar o embranquecimento histórico promovido pelas produções cinematográficas tradicionais e contrapor o cânone eurocêntrico. Conclui-se que o ambiente das mídias sociais atua como um espaço ativo de produção de fontes e de disputas pela memória histórica, demonstrando a contínua maleabilidade do passado na era digital.

Palavras-chave: Cleopatramania, Twitter, História Digital.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 5

2 JUSTIFICATIVA 7

3 OBJETIVO GERAL 8

4 METODOLOGIA 9

5 RESULTADOS OBTIDOS 11

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 16

REFERÊNCIAS 18

1 INTRODUÇÃO

Cleópatra foi a última governante da dinastia ptolomaica a exercer o poder no Egito entre 51 e 30 a.C., exerceu o governo de forma autônoma em um período de intensa expansão e hegemonia da República Romana sobre o Mediterrâneo. Conforme demonstra o historiador Duane W. Roller (2011), ela destacou-se como uma administradora perspicaz, poliglota, sendo a única de sua linhagem a dominar fluentemente a língua egípcia nativa, além do grego, aramaico e outros idiomas, estrategista financeira e diplomata de altíssimo nível.

Apesar da sua habilidade política, a memória que se consolidou durante os séculos raramente privilegiou o perfil administrativo de Cleópatra. Ao contrário, grande parte das representações antigas que chegaram até o presente foi produzida por autores gregos e romanos, em contextos posteriores aos acontecimentos e a partir de perspectivas externas. Dessa forma, ela foi apresentada em associação a sedução, ao luxo, a paixão e ao perigo representado pelo Oriente, enquanto suas capacidades administrativas e suas estratégias de governo receberam menor destaque.

Isso não significa que as fontes antigas devam ser descartadas como propaganda, elas constituem documentos fundamentais para compreender tanto os acontecimentos relacionados ao final da dinastia ptolomaica quanto as formas pelas quais Cleópatra foi representada por diferentes autores. A imagem de Cleópatra que circula no presente, é resultado de sucessivas apropriações, produzidas em diferentes contextos. A literatura, o teatro, o cinema e, posteriormente, a cultura pop contribuíram para acrescentar novos elementos ao imaginário dela.

Na cultura contemporânea, a imagem de Cleópatra aparece em diferentes meios, como músicas, filmes, séries e redes sociais. Ela é representada tanto em produções cinematográficas mais antigas quanto em referências recentes da cultura pop, como no clipe *Dark Horse*[1], além de memes e publicações que apresentam novas formas de representá-la.

Com o avanço das mídias digitais, principalmente das redes sociais, como o Twitter, a imagem de Cleópatra passou a ganhar novos significados e diante dessas

[1] O clipe Dark Horse, lançado em 2014 pela cantora Katy Perry, apresenta elementos inspirados no Egito Antigo.

diferentes formas de representar Cleópatra nas redes sociais, esta pesquisa busca delimitar seu problema central. É fundamental esclarecer que determinar a cor de pele de Cleópatra, isto é, se ela devia ser classificada como uma mulher "negra" ou "branca", não constitui o objetivo nem o problema de pesquisa deste trabalho. O problema reside em compreender quais são as razões, as motivações e os repertórios discursivos que levam os usuários no Twitter a transformar a figura de Cleópatra em um campo de batalha racial no tempo presente.

Para fundamentar essa análise, o trabalho utiliza as ideias de Ella Shohat, apresentadas na obra *Des-orientar Cleópatra* (2004). A autora mostra como a imagem de Cleópatra foi utilizada em diferentes debates políticos e culturais, envolvendo questões de raça, imperialismo e orientalismo, onde diferentes grupos passaram a representá-la de acordo com suas próprias ideias e interesses. Como aponta Shohat (2004, p. 23):

> A tentativa de forjar uma Cleópatra puramente branca ou negra não nos mandaria de volta para a antiguidade, mas para os discursos raciais do século dezenove, cujo essencialismo biológico teria então que ser estendido retroativamente à antiguidade. A obsessão pela cor da pele de Cleópatra diz respeito, antes de tudo, à necessidade das sociedades modernas de ancorar suas identidades em um passado glorioso

A discussão sobre a representação racial de Cleópatra também é abordada por Cristina Rosillo López (2019), no artigo *Black Cleopatra: Discursos sobre raza y racismo en el mundo contemporáneo*. Segundo López (2019), a falta de informações sobre parte da ascendência de Cleópatra contribuiu para diferentes interpretações sobre sua origem, muitas vezes apresentadas como certezas, mesmo sem evidências suficientes. A autora também mostra como a ideia de um Egito branco foi reforçada por interpretações que procuravam destacar a cultura grega e afastar a civilização egípcia de suas relações com o continente africano.

Essas discussões contribuem para a análise das publicações sobre Cleópatra no Twitter, pois permitem investigar como sua imagem é mobilizada em discussões contemporâneas, ajudando a compreender como os usuários retomam e reinterpretam sua imagem em meio a disputas sobre sua identidade racial, seu pertencimento histórico e os significados atribuídos ao Egito Antigo.

2 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de compreender como debates históricos circulam e são apropriados dentro do ambiente digital. Embora os tweets sejam frequentemente vistos como algo momentâneo, eles são produzidos por usuários comuns do Twitter e são fontes importantes para entender as percepções históricas presentes na sociedade atual.

Além disso, o debate sobre a cor da pele de Cleópatra vai além da simples curiosidade sobre sua aparência física. As discussões em torno da "Cleópatra negra" revelam disputas sobre o lugar da negritude na história e sobre quais corpos podem ocupar as posições de protagonismo. Também envolve debates sobre gênero e representatividade feminina, especialmente quando pensamos na escassez de referências históricas de mulheres negras retratadas como figuras de poder ou protagonismo político. Dessa forma, as disputas em torno da imagem de Cleópatra mostram as tensões relacionadas ao racismo, ao apagamento histórico e a permanência de padrões eurocêntricos.

Nesse sentido, entre as publicações selecionadas para esta pesquisa, observa-se uma probabilidade de predominância de autorias femininas, considerando as informações disponíveis nos perfis dos usuários e os próprios temas mobilizados nas publicações, especialmente aqueles relacionados a gênero e representatividade. Embora não seja possível afirmar o gênero de todas as pessoas que produziram os tweets, essa recorrência é relevante para a pesquisa, pois permite considerar que parte dessas discussões pode estar sendo produzida por mulheres interessadas em questionar as formas tradicionais de representação de figuras femininas e, particularmente, de mulheres negras na história.

Por fim, esta pesquisa torna-se relevante por mostrar como o público reage às representações construídas pela indústria cultural, especialmente aquelas consolidadas por Hollywood. A imagem de Cleópatra é marcada pela atuação de Elizabeth Taylor, o que estabeleceu durante décadas um padrão visual associado à branquitude e aos ideais estéticos ocidentais. Sendo assim, ao analisar as reações a esse ideal estético, podemos compreender como as redes sociais se transformaram em espaços de contestação de narrativas tradicionais. Portanto, o uso das fontes digitais rápidas, como os tweets, é uma forma original de investigar as novas tensões culturais relacionadas à raça no tempo presente.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Analisar as manifestações discursivas da Cleopatramania no X (antigo Twitter) entre os anos de 2008 e 2024, investigando como a figura de Cleópatra VII é mobilizada na memória digital, nos usos públicos do passado e nas discussões sobre racialidade e representatividade.

3.2 Objetivos específicos

- Identificar como os conceitos de identidade e memória aparecem nos comentários produzidos pelos usuários da plataforma.
- Analisar de que forma o passado é reinterpretado no ambiente digital e como a imagem da Cleópatra é utilizada para sustentar esses posicionamentos políticos, sociais e culturais no presente.
- Mapear as reações do público diante da imagem da chamada “Cleópatra negra”, especialmente em oposição ao modelo imagético consolidado por Hollywood ao longo do século XX pela interpretação de Elizabeth Taylor no filme de 1963.

4 METODOLOGIA

A primeira etapa da pesquisa consistiu na realização de uma revisão bibliográfica voltada para duas temáticas: a primeira para entender quem é Cleópatra e o contexto histórico que ela estava inserida, e a segunda, referente aos estudos de mídias digitais e egiptomania, fornecendo o referencial teórico necessário para compreender as apropriações e ressignificações de Cleópatra nas redes sociais.

As fontes analisadas foram obtidas por meio de coleta sistemática realizada na plataforma X (antigo Twitter) entre os anos de 2008 e 2024. Para a extração dos dados, utilizou-se a ferramenta de busca avançada da plataforma com delimitação para o idioma português e execução em intervalos cronológicos mensais sucessivos. Empregou-se o descritor textual “Cleopatra”, considerando que o mecanismo de indexação normaliza caracteres gráficos (accent-insensitive) e recupera simultaneamente as ocorrências grafadas com e sem acento (“Cleopatra” e “Cleópatra”).

Além disso, foram consideradas as publicações encontradas pela busca que faziam referência direta a Cleópatra ou que estabeleciam uma associação com ela. A relevância da publicação ao banco de dados foi determinada pela presença de Cleópatra como elemento principal na construção da narrativa, independentemente do sentido atribuído a ela, incluindo tanto publicações que apresentavam Cleópatra como tema principal quanto aquelas em que sua figura era utilizada para estabelecer relações com questões contemporâneas. Foram excluídas publicações que não apresentavam relação com o objeto da pesquisa ou em que a referência a Cleópatra não desempenhava função na narrativa que estava sendo analisada.

Nos primeiros anos do recorte (2008 a 2017), as publicações encontradas apresentavam, em sua maioria, conteúdos individuais, sem a presença significativa de retweets ou respostas vinculadas a discussão. A partir de 2018, observa-se maior recorrência de discussões específicas envolvendo Cleópatra, entre elas aquelas relacionadas a sua racialidade, passando a ser mais frequente a presença de retweets e outras formas de circulação de uma mesma discussão. Nesses casos, a coleta privilegiou a publicação principal, não sendo incorporados ao banco de dados, nesse primeiro momento, os retweets que reproduziam ou comentavam o tweet original.

No tratamento de conteúdos virais replicados em múltiplos perfis, selecionaram-se até quatro postagens representativas para compor o corpus, registrando-se no banco de dados a existência dos registros correlatos.

Após a coleta, o material passou por análise e classificação temática com base nas referências históricas mobilizadas pelos usuários. Compreende-se repertório histórico como o conjunto de símbolos, valores, imagens e sentidos associados ao passado que circulam nas mídias digitais. A definição das categorias ocorreu por indução analítica a partir da leitura sistemática dos tweets. Para assegurar a consistência da mensuração quantitativa, adotou-se o critério de classificação unívoca: cada registro foi atribuído a um único repertório a partir de seu sentido predominante.

Paralelamente, todas as informações referentes às publicações (como identificadores, datas de postagem, datas de coleta e metadados contextuais) foram indexadas em banco de dados relacional desenvolvido no Microsoft Access, viabilizando o cruzamento estatístico e a posterior análise qualitativa das evidências.

A partir dessa sistematização, realizou-se a análise qualitativa de conteúdo sobre publicações paradigmáticas do corpus, elegendo o repertório “Racialidade” como estudo de caso para examinar os sentidos textuais, as escolhas vocabulares e as apropriações da figura de Cleópatra na chave da *allelopoiesis*.

Embora o repertório “Racialidade” constitua uma unidade analítica abrangente, identificou-se a necessidade de mapear as ramificações internas do debate. Assim, foram catalogadas subcategorias temáticas específicas que emergiram das postagens: *Cleópatra bonita*, *Cleópatra branca*, *Cleópatra grega*, *Cleópatra negra*, *Elizabeth Taylor*, *Imagens* e *Jesus*.

Em razão da centralidade e da complexidade das discussões relacionadas à *Cleópatra negra*, esse eixo foi submetido a um refinamento analítico adicional. A partir da leitura das publicações, foram estabelecidas classificações complementares para delimitar as diferentes abordagens presentes no debate, contemplando eixos como *África*, *Europa* e *Gênero*. Também foram identificadas e separadas as publicações que não atendiam aos objetivos analíticos específicos da pesquisa, constituindo os critérios de descarte. Esse processo permitiu delimitar, de maneira progressiva, o conjunto final de tweets selecionados para a análise qualitativa aprofundada

No que se refere aos aspectos éticos, a pesquisa segue as diretrizes estabelecidas pela Lei Geral de Proteção de Dados (Lei nº 13.709/2018). Todos os tweets utilizados foram coletados em perfis de acesso público e passaram por um processo de anonimização, para ocultar as informações capazes de identificar seus autores, como nomes de usuários, fotos de perfil e identificadores (@). O banco de dados permanece armazenado em ambiente seguro e de acesso restrito aos pesquisadores responsáveis pela pesquisa, garantindo que as informações sejam utilizadas exclusivamente para fins científicos e em conformidade com os princípios de privacidade previstos na legislação brasileira.

5 RESULTADOS OBTIDOS

A etapa quantitativa da pesquisa examina a dispersão temática da figura de Cleópatra no X (antigo Twitter) ao longo do recorte temporal de 2008 a 2024. A codificação das 1.201 postagens públicas permitiu agrupar as apropriações digitais em quinze repertórios discursivos, cujas frequências absolutas e relativas estão consolidadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição dos repertórios temáticos da Cleopatramania no X (2008–2024) [2]

Repertório Temático	**Frequência Absoluta (n)**	**Frequência Relativa (%)**
Identificação com Cleópatra	348	28,98%

[2] A tabela discrimina as categorias temáticas principais. Os repertórios com frequência inferior a 20 registros foram agrupados na categoria agregada "Outros" (102 ocorrências; 8,49%), a saber: *Críticas ou comentários ao Egito moderno* (17), *Crítica ou elogio a governantes ou personalidades* (10), *Desprezo* (10), *Gatos e bichos no geral* (10), *Identidade e Representatividade (LGBTQIA+)* (9), *Crítica ou elogio ao governo ou ao país* (8), *Etarismo* (7), *Gênero* (7), *Morte, eternidade, isolamento e podridão* (6), *Cristianismo* (5), *Longevidade e antiguidade* (4), *Mumiamania* (2), *Alienígenas e teorias da conspiração* (2), *Escrita difícil, escrita com desenhos* (2), *Autoajuda* (1), *Cerveja* (1) e *Religião, mitologia e proteção* (1). Os repertórios *Deserto, calor e fertilidade*, *Despotismo oriental*, *Escravidão* e *Orientalismo* registraram zero ocorrências no corpus final.

Repertório Temático	**Frequência Absoluta (n)**	**Frequência Relativa (%)**
Humor e Crítica	216	17,99%
Racialidade	141	11,74%
Potência, poder, grandeza e riqueza	90	7,49%
Curiosidades históricas	84	6,99%
Sexualidade	68	5,66%
Exotismo, luxo e beleza	64	5,33%
Estética e Moda	48	4,00%
Reencarnação, Misticismo e Maldição	36	3,00%
Trapaça e dissimulação	24	2,00%
Crítica Social e Política	24	2,00%
Pessoas como divindades	24	2,00%
Inteligência e Estratégia	15	1,25%
Crítica/elogio ao ensino de História	11	0,92%
Egiptomania e admiração	8	0,65%
Outros	102	8,49%

Repertório Temático	Frequência Absoluta (n)	Frequência Relativa (%)
Total	**1.201**	**100,00%**

Fonte: Elaborado pela autora a partir do banco de dados da pesquisa (2024)

A distribuição dos dados revela uma concentração expressiva nas três primeiras categorias, que somam mais da metade de todas as ocorrências analisadas (58,71%). Dentre as 1.201 postagens coletadas, o repertório de maior expressividade foi "Identificação com Cleópatra", somando 348 registros (28,98%), seguido por "Humor e Crítica", com 216 registros (17,99%), e "Racialidade", com 141 registros (11,74%).

As publicações reunidas na categoria "Identificação com Cleópatra" evidenciam a permanência de representações associadas à beleza, ao poder e à liderança feminina. Nesses registros, a personagem histórica é mobilizada como modelo de admiração, projetando o desejo dos usuários de emular sua figura ou incorporar atributos vinculados à sua memória.

O segundo repertório mais frequente, "Humor e Crítica" (17,99%, n = 216), utiliza Cleópatra como dispositivo cômico para a produção de memes, ironias, trocadilhos e sátiras sobre situações do cotidiano e disputas da cultura digital.

O repertório "Racialidade" reuniu 141 publicações, correspondendo a 11,74% do total do corpus (1.201 postagens). Embora ocupe a terceira posição em volume absoluto — atrás de "Identificação com Cleópatra" (28,98%, n = 348) e "Humor e Crítica" (17,99%, n = 216) —, este repertório concentra as maiores disputas políticas e teóricas em torno dos usos públicos da Antiguidade no X (Twitter)

Em sequência, o repertório "Potência, poder, grandeza e riqueza" reuniu 90 evidências (7,49%), articulando o Egito Antigo e a governante ptolemaica como símbolos de prosperidade material, autoridade política e soberania civilizacional. Por sua vez, a categoria "Curiosidades históricas", com 84 registros (6,99%), reflete o interesse na divulgação e no consumo de dados biográficos e arqueológicos, confirmando o papel da plataforma como espaço informal de circulação do conhecimento histórico.

Os repertórios “Sexualidade”, com 68 publicações (5,66%), e “Exotismo, luxo e beleza”, com 64 ocorrências (5,33%), mobilizam tropos consolidados pela tradição orientalista e pela cinematografia do século XX, associando a rainha à volúpia e à suntuosidade. Paralelamente, parte dessas postagens articula um movimento de contestação a tais estereótipos, criticando a redução da soberana à sua dimensão erótica e estética em detrimento de suas habilidades diplomáticas e políticas

A investigação sobre as recepções contemporâneas de Cleópatra nas redes sociais exige afastar de abordagens reducionistas que busquem apenas fixar uma suposta "verdade biológica" da Antiguidade. Conforme adverte López (2019, p. 243, tradução nossa):

> Desconhecemos a identidade de um dos antepassados da rainha Cleópatra VII; seus pais, provavelmente Cleópatra V (embora exista alguma dúvida a respeito) e Ptolomeu XII Auletes eram irmãos (ou primos); sua avó, de nome desconhecido, uma concubina ou esposa do rei Ptolomeu IX Sóter II. Essa falta de informação levou numerosos historiadores a afirmar que a avó era provavelmente grega e não egípcia, embora não exista nenhuma evidência que permita optar por esse argumento. A afirmação de que a última rainha do Egito não possuía uma única gota de sangue egípcio em suas veias, encontrada em numerosas biografias suas, é simples especulação, embora para alguns historiadores tenha alcançado o grau de prova. Do mesmo modo, desorientar Cleópatra implica reconhecer qual o papel que as indústrias de mídia desempenharam na consolidação de um padrão estético eurocêntrico.

De acordo com Ella Shohat (2004, p. 38) "Na tradição da cultura popular ocidental, o cinema deu prosseguimento à iconografia de uma Cleópatra branca. Dada a ideologia das estrelas, a política de seleção de personagens de Hollywood não podia ter uma Cleópatra não branca”.

A análise dos dados quantitativos revela que o repertório "Racialidade" concentra 1,74% ($n = 141$) das postagens totais da pesquisa, registrando um pico entre 2018 e 2020 (45,4% das postagens desse repertório foram postadas nestes anos). Esse crescimento relaciona-se diretamente aos anúncios de novos filmes de Cleópatra (Figura 1) e as novas discussões que estavam acontecendo nesse período.

Figura 1 – Angelina Jolie e Lady Gaga disputam pelo papel de Cleópatra (2019)

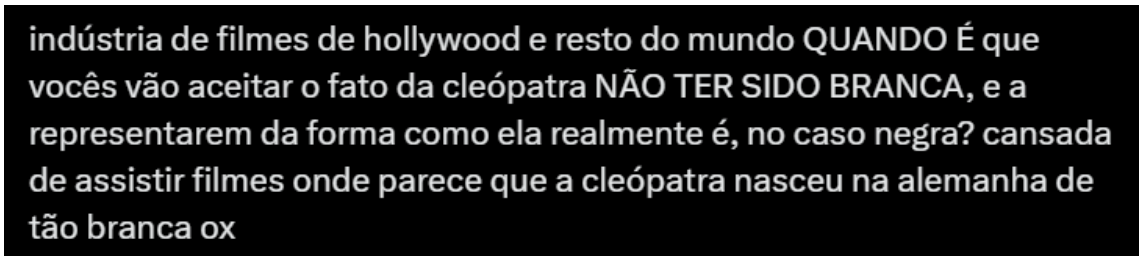


Fonte: Google

No plano historiográfico, debates sobre o embranquecimento de Cleópatra antecedem o recorte desta pesquisa. Como destaca López (2019, p. 244), o anúncio em 2010 de que Angelina Jolie protagonizaria uma cinebiografia da rainha já havia suscitado discussões nas redes sobre *whitewashing* (Figura 2).

Para além do percentual, a análise qualitativa das postagens mostra como funciona o conceito de allelopoiesis (Faversani; Joly, 2021), o processo de criação mútua entre passado e presente. O tempo presente mobiliza a Antiguidade para validar suas pautas identitárias e antirracistas, ao mesmo tempo em que a figura histórica de Cleópatra tem seu repertório simbólico continuamente expandido e ressignificado pelas demandas contemporâneas.

Figura 2 - Publicação na rede social X (Twitter) sobre o embranquecimento de Cleópatra no cinema



Fonte: Acervo pessoal

O tweet em análise articula uma crítica explícita ao embranquecimento histórico e à hegemonia estética branca no cinema contemporâneo. Essa contestação digital dialoga com os pressupostos de Cida Bento (2022) sobre a estruturação e a preservação dos privilégios da branquitude:

> Assim, foi no bojo do processo de colonização que se constituiu a branquitude. Os europeus, brancos, foram criando uma identidade comum que usou os africanos, negros, como principal contraste. A natureza desigual dessa relação permitiu que os brancos estipulassem e disseminassem o significado de si próprios e do outro através de projeções, exclusões, negações e atos de repressão (Bento, 2022, p. 18).

Ao ironizar as representações canônicas que aproximam a governante de uma fisionomia nórdica ("parece que a Cleópatra nasceu na Alemanha de tão branca"), a publicação rejeita a naturalização do cânone eurocêntrico. Esse embate materializa o que López (2019) define como a consolidação da "Black Cleopatra".

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa contou com o auxílio financeiro da FAPEMIG e teve como ponto de partida o interesse em compreender como a figura de Cleópatra é apropriada e ressignificada na cultura digital, considerando o Twitter (X) como espaço de circulação de diferentes representações sobre sua memória, elegendo-se o repertório 'Racialidade' para uma análise qualitativa aprofundada.

O levantamento quantitativo resultou em 1.201 publicações, distribuídas em quinze repertórios temáticos principais. Entre eles, destacaram-se “Identificação com Cleópatra”, com 348 ocorrências (28,98%), “Humor e Crítica”, com 216 (17,99%) e “Racialidade”, com 141 (11,74%). Esses três repertórios concentraram 58,71% do corpus analisado. Dessa forma, o mapeamento dos repertórios permitiu alcançar a etapa inicial da pesquisa e evidenciar a diversidade de usos contemporâneos associados à personagem.

O primeiro objetivo específico consistia em identificar como identidade e memória aparecem nos comentários produzidos pelos usuários da plataforma. A análise das publicações selecionadas no repertório “Racialidade” demonstrou que essas discussões aparecem principalmente quando os usuários relacionam a representação de Cleópatra as próprias disputas contemporâneas por pertencimento, reconhecimento e representatividade. As publicações analisadas utilizam sua imagem para questionar quais grupos podem ser representados em posições de poder e quais referências históricas são consideradas legítimas.

O segundo objetivo buscava analisar de que maneira o passado é reinterpretado no ambiente digital e como a imagem de Cleópatra é utilizada para sustentar posicionamentos políticos, sociais e culturais no presente. Os tweets selecionados mostram como o passado apareceu como referência utilizada para interpretar acontecimentos e conflitos do presente.

O terceiro objetivo consistia em mapear as reações do público diante da chamada “Cleópatra negra”. Os resultados demonstraram que a representação cinematográfica de Cleópatra constitui um dos elementos importantes para a formação das discussões encontradas no corpus. As publicações analisadas apresentaram críticas a associação recorrente entre Cleópatra e uma aparência branca, especialmente quando relacionada às representações produzidas pelo cinema e a possibilidade de uma atriz negra interpretar a personagem provocou reações e discussões sobre representatividade, evidenciando que a escolha de quem representa Cleópatra permanece vinculada a disputas mais amplas sobre raça e poder.

Os resultados alcançados indicam que a proposta inicial da pesquisa foi desenvolvida de maneira compatível com os objetivos estabelecidos. O levantamento quantitativo permitiu identificar a diversidade de repertórios mobilizados em torno de Cleópatra, enquanto a análise qualitativa do repertório “Racialidade” possibilitou

aprofundar a compreensão sobre os usos contemporâneos da personagem. O cruzamento dessas duas etapas mostrou que, embora a racialidade não seja o repertório mais numeroso do corpus, ela concentra algumas das principais disputas relacionadas a memória histórica, a representação e aos usos do passado na plataforma.

Como contribuição para a História Digital, o trabalho evidencia a possibilidade de utilização de publicações de redes sociais como fontes para investigar formas contemporâneas de relação com o passado. O percurso desenvolvido demonstra que a análise de fontes digitais pode contribuir para compreender como personagens e acontecimentos históricos continuam sendo mobilizados fora dos espaços tradicionais de produção do conhecimento histórico.

REFERÊNCIAS

BAKOS, Margaret Marchiori (org.). **Egiptomania**: o Egito no Brasil. São Paulo: Paris Editorial, 2004.

BELCHIOR, Ygor Klain; BERNARDO, Gabriel Cabral. Neofascismo, Esparta antiga e usos do passado no contexto brasileiro (2017–2023). **História e Cultura**, Franca, v. 13, n. 1, p. 250–284, 2024.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018**. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Brasília, DF: Presidência da República, 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em: 15 abr. 2026.

BRASIL. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). **Portaria CNPq nº 2.664, de 11 de março de 2026**. Institui a Política de Integridade na Atividade Científica no âmbito do CNPq. Brasília, DF: CNPq, 2026. Disponível em: http://www.cnpq.br. Acesso em: 31 ago. 2026.

DE ALMEIDA, Fábio Chang. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. **Aedos**, Porto Alegre, v. 3, n. 8, p. 9–30, 2011. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/16776. Acesso em: 15 abr. 2026.

FAVERSANI, Fábio; JOLY, Fábio Duarte. Alexandre em Quinto Cúrcio e o Principado Romano: um estudo de allelopoiesis. **Phoînix**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 97–110, 2021.

GIACOMO, Luiz Henrique Souza de. Cleópatra: a última governante egípcia. In: SEMANA DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 27., 2010, Juiz de Fora. **Anais** *[...]*. Juiz de Fora: UFJF, 2010. p. 76–91.

MATTAR, João; RAMOS, Daniela Karine. **Metodologia da pesquisa em educação**: abordagens qualitativas, quantitativas e mistas. São Paulo: Edições 70, 2021.

MILLER, Daniel et al. **Como o mundo mudou as mídias sociais**. Tradução de Danilo Silva. Londres: UCL Press, 2019.

PICHEL, Abraham Ignacio Fernández (ed.). **How Pharaohs became media stars**: Ancient Egypt and popular culture. Oxford: Archaeopress Publishing, 2023.
PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0201, p. 1–34, 2021. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313342021e0201. Acesso em: 15 abr. 2026.
ROLLER, Duane W. **Cleopatra:** a biography. Oxford: Oxford University Press, 2011.
ROSILLO LÓPEZ, Cristina. "Black Cleopatra": discursos sobre raza y racismo en el mundo contemporáneo. In: SIMÓN, Francisco Marco; PINA POLO, Francisco; REMESAL RODRÍGUEZ, José (coord.). **Xenofobia y racismo en el mundo antiguo**. Barcelona: Edicions de la Universitat de Barcelona, 2019. p. 243–254.
SALVADOR, Arlete. **Cleópatra**: como a última rainha do Egito perdeu a guerra, o trono e a vida e se tornou um dos maiores mitos da história. São Paulo: Contexto, 2011.
SANTI, Helena Chierentin; SANTI, Vilso Junior Chierentin. Stuart Hall e o trabalho das representações. **Anagrama**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 1–12, 2009. Disponível em: https://revistas.usp.br/anagrama/article/view/35343. Acesso em: 25 jun. 2026.
SHOHAT, Ella. Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno da identidade**. Cadernos Pagu**, Campinas, n. 23, p. 11–53, dez. 2004. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000200002. Acesso em: 31 ago. 2026.
SILVA, Giuslane Francisca da. A memória coletiva. **Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247–253, 2016.
SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil emergente**. Londres: UCL Press, 2018.